



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA VITÓRIA SOUSA SILVA

DO NÃO FLORESCER AO FLORESCER: uma leitura comparativa das obras *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector e *Macabéa, flor de mulungu* (2023) de Conceição Evaristo.

SÃO BERNARDO-MA
2026

ANA VITORIA SOUSA SILVA

DO NÃO FLORESCER AO FLORESCER: uma leitura comparativa das obras *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector e *Macabéa, flor de mulungu* (2023), de Conceição Evaristo

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito obrigatório do Trabalho de Conclusão do Curso.

Orientador(a): Profa. Ma. Maria do Socorro Nascimento da Costa

SÃO BERNARDO-MA
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa Silva, Ana Vitória.

DO NÃO FLORESCER AO FLORESCER: : uma leitura comparativa das obras A hora da estrela 1977 de Clarice Lispector, e Macabéa, flor de mulungu 2023 de Conceição Evaristo / Ana Vitória Sousa Silva. - 2026.
53 p.

Orientador(a): Maria do Socorro Nascimento da Costa.
Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa,
Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2026.

1. Macabéa. 2. Conceição Evaristo. 3. Flor de Mulungu. 4. Ancestralidade. 5. Clarice Lispector. I. Nascimento da Costa, Maria do Socorro. II. Título.

ANA VITORIA SOUSA SILVA

DO NÃO FLORESCER AO FLORESCER: uma leitura comparativa das obras *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector e *Macabéa, flor de mulungu* (2023), de Conceição Evaristo

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa.

Aprovada 15 de julho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Maria do Socorro Nascimento da Costa (UFMA-CCSB)
(Orientador)

Prof.^a João de Deus Sousa Barros (UFMA-CCSB)
(Avaliador interno)

Prof.^a Ma. Alexandra Araújo Monteiro (UEMA-CESB)
(Avaliador externo)

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria da Luz, que foi meu alicerce do início ao fim e que, mesmo com tantas tempestades, nunca deixou que nada respingasse em mim: "Eu sou porque minha mãe também é!" Cada vitória minha tem um pedaço dela!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora por me manterem sempre firme durante a caminhada, pois chegar até aqui não foi fácil, foram dias e noites de lutas, pensamentos negativos, e se não fosse pela intercessão deles eu não teria chegado até aqui, foram anos difíceis, 2022 e 2026 em específico, perdi pessoas importantes para mim e que se não fosse pela fé que tenho, não estaria aqui agora escrevendo este agradecimento.

Agradeço aos meus pais/avós (Maria da Luz, José de Ribamar, Zuleide e Bernardo) por todo o apoio, tanto financeiro quanto psicológico. Agradeço a toda a minha família (Nonata, Moisés, Valdenice, Zélia, Adriana, Pastora, Tiago, Phablo, Antônio Nycolas e Jorge); espero um dia poder retribuir toda a ajuda e apoio que, mesmo indiretamente, me deram durante esses quase quatro anos.

Aos meus amigos do grupo Salgados (Tatiele, Larissa, Davylla, Victor e Alana) que foram minha alegria e salvação durante várias tardes no pé de cajueiro: levarei vocês para sempre comigo!

Às minhas amigas (Marcilene, Nataline, Cleiciane, Nara e Mara) por todo o apoio, carinho e amor.

À minha amável orientadora, Maria Costa, que foi mais que uma orientadora, foi uma verdadeira amiga. Sem ela tudo seria mais difícil; és um exemplo para mim!

Aos meus professores do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, por toda a paciência e ensinamentos durante esses anos, destaco que vocês foram essenciais na minha caminhada acadêmica.

In memoriam de Tiago e Moisés (meus tios), que não estarão fisicamente mas, para onde quer que eu vá, levo vocês no olhar e para sempre!

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto”.

ISAIAS 41:20

RESUMO: O presente trabalho analisa de forma comparativa as obras *A Hora da Estrela* (2020) e *Macabéa Flor de Mulungu* (2023) com foco na personagem Macabéa e na simbologia da flor de Mulungu como símbolo de ressignificação. O objetivo geral desta monografia é analisar, sob uma perspectiva comparativa e interpretativa, como Conceição Evaristo, por meio da escrita de *escrevivência*, recupera e ressignifica a história da personagem Macabéa, presente em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, incorporando a simbologia da flor de mulungu como elemento de reconstrução identitária, cultural, simbólica e estético-formal. Para alcançar este propósito, a metodologia adotada constitui-se a partir de pesquisas bibliográficas e caracteriza-se como uma pesquisa do tipo comparativa de caráter qualitativo baseando-se nas teorias de Conceição Evaristo (2023), Bosi (2015), Candido (2000) e (2005), Brait (1985), Lispector (2020) dentre outros autores. Pensando as categorias: *Simbologia da flor, escrevivência, ancestralidade*, Por fim, o estudo ressalta o papel da literatura como ferramenta de resistência, capaz de restaurar e dar visibilidade e voz a quem historicamente foi apagada e silenciada.

Palavras-chave: Macabea, Conceição Evaristo, Clarice Lispector, Flor de Mulungu, Ancestralidade.

ABSTRACT: This study presents a comparative analysis of the works *A Hora da Estrela* (2020) and *Macabéa Flor de Mulungu* (2023), focusing on the character Macabéa and the symbolism of the mulungu flower as an emblem of re-signification. The general objective of this monograph is to analyze—from a comparative and interpretive perspective—how Conceição Evaristo, through the writing practice known as *escrevivência* (writing-living), recovers and reinterprets the story of the character Macabéa (originally from Clarice Lispector's *A Hora da Estrela*. Evaristo incorporates the symbolism of the mulungu flower as an element of identity, cultural, symbolic, and aesthetic-formal reconstruction. To achieve this aim, the methodology relies on bibliographic research and is characterized as a qualitative comparative study, drawing upon the theories of Conceição Evaristo (2023), Bosi (2015), Candido (2000, 2005), Brait (1985), and Lispector (2020), among others. The study considers categories such as flower symbolism, *escrevivência*, and ancestry. Finally, it highlights the role of literature as a tool for resistance, capable of restoring agency and providing visibility and a voice to those who have historically been erased and silenced.

Keywords: Macabéa, Conceição Evaristo, Clarice Lispector, Mulungu Flower, Ancestry.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
2.DA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA À EMERGÊNCIA DA LITERATURA AFROBRASILEIRA.....	11
2.1 A formação do sistema brasileiro.....	11
2.2 O Modernismo e a renovação da narrativa brasileira.....	15
2.3. Clarice Lispector e a Interiorização da narrativa.....	17
2.4. Literatura afrobrasileira: escrevivência e ancestralidade em Conceição Evaristo.....	20
3. DO NÃO FLORESCER AO FLORESCER: a Macabéa de Clarice Lispector pelos olhos de Conceição Evaristo.....	26
3.1 “Era preciso consertar as palavras, assim como era preciso consertar, arrumar a vida e o mundo”: de Macabéa à Béa.....	26
3.2. Da forma à Linguagem:	35
3.3. Béa e a simbologia da flor.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5.REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

A Literatura Brasileira contemporânea tem assistido à emergência de narrativas que revisitam criticamente personagens consagradas do cânone nacional, promovendo novas leituras sobre identidade, memória e representação feminina. Nessa perspectiva, este trabalho propõe uma análise bibliográfica e comparativa entre as obras *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e *Macabéa, flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo. Inserida no campo dos Estudos Literários, a pesquisa investiga duas produções brasileiras oriundas de contextos históricos e socioculturais distintos.

A relevância desta investigação fundamenta-se na compreensão da literatura como espaço privilegiado de representação da experiência humana e de reflexão crítica sobre a realidade social.

Conforme Antonio Candido (2004), a literatura desempenha uma função humanizadora ao ampliar a compreensão do sujeito acerca de si, do outro e do mundo. Nessa perspectiva, a análise comparativa entre as duas obras permite discutir questões relacionadas à identidade, à exclusão social e à representação da mulher negra na literatura brasileira, contribuindo também para ampliar o debate acerca da diversidade cultural e da valorização de narrativas historicamente silenciadas.

Embora existam pesquisas que estabeleçam aproximações entre *A hora da estrela* e *Macabéa, flor de Mulungu*, observa-se que a leitura da flor de mulungu como símbolo do (não) florescimento e da reconstrução identitária da personagem ainda permanece pouco explorada pela crítica.

Enquanto, na obra de Clarice Lispector, Macabéa é marcada pela invisibilidade social e por um destino que simboliza seu “não florescer”, na narrativa de Conceição Evaristo ela é ressignificada pela escrevivência e pela simbologia da flor de mulungu, que representa resistência, ancestralidade, força e renascimento. Esse deslocamento evidencia não apenas uma reconfiguração estética da personagem, mas também uma nova compreensão de sua identidade e de sua trajetória enquanto mulher negra.

A gênese desta investigação está relacionada ao interesse despertado durante a disciplina Literatura Infância-Juvenil, quando surgiu a inquietação em investigar as releituras do cânone literário brasileiro a partir da escrita de Conceição Evaristo.

A aproximação entre as duas obras revelou a possibilidade de analisar como o lugar de enunciação das autoras influencia a construção da personagem Macabéa e

os sentidos atribuídos à sua trajetória. Ademais, a metáfora da flor de mulungu em Evaristo ressoou histórias outras¹ que evidenciam para esta pesquisadora a importância dessa temática.

No âmbito social, esta pesquisa busca contribuir para a reflexão sobre as diferentes formas de opressão que atravessam a experiência feminina, colocando em diálogo *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e *Macabéa, flor de mulungu*, de Conceição Evaristo. Ao aproximar essas narrativas, evidencia-se que a marginalização assume diferentes configurações, desde a opressão de classe até a resistência da mulher negra e a força de sua ancestralidade.

No campo pedagógico, a pesquisa poderá colaborar com o ensino de literatura ao favorecer leituras comparativas entre obras de diferentes momentos da literatura brasileira e ampliar as discussões sobre identidade, memória e relações étnico-raciais, em consonância com a Lei n.º 10.639/2003.

Diante desse contexto, este estudo busca responder ao seguinte problema: como Conceição Evaristo, por meio da escrita de escrevivência, recupera e ressignifica a personagem Macabéa, de *A hora da estrela*, incorporando a simbologia da flor de mulungu como elemento de reconstrução identitária, cultural e simbólica?

Diante disso, esta investigação tem como objetivo geral analisar, sob uma perspectiva comparativa e interpretativa, como Conceição Evaristo, por meio da escrevivência, recupera e ressignifica a personagem Macabéa, incorporando a simbologia da flor de mulungu como elemento de reconstrução identitária, cultural, simbólica e estético-formal

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico e qualitativo no campo da Literatura Comparada, fundamentado nas proposições de Sandra Nitrini. A investigação parte da premissa de Durão (2015), segundo a qual a obra literária produz conhecimento no próprio ato da leitura crítica, articulando-se com as contribuições de Beth Brait (1985) e Antonio Candido (2000, 2005) para a construção da personagem, e de Lélia Gonzalez (2020) para as discussões sobre identidade e silenciamento histórico da mulher negra, além do pensamento de Conceição Evaristo

¹ A flor de Mulungu me fez lembrar da minha avó que no ano de 2022 teve uma perda irreparável que fez com que ela de certa forma murchasse como uma flor de mulungu no período de não floração, no início deste ano minha avó que é analfabeta se matriculou no EJA(Educação de Jovens e Adultos) e foi a partir das idas dela para a escola, das amizades que ela fez, da felicidade que ela teve em conseguir aprender a escrever o nome sozinha, que ao meu ver minha avó floresceu novamente como a flor de mulungu no mês de agosto, a educação fez minha avó florescer assim como macabéa por meio da simbologia da flor de mulungu floresce na obra de Conceição Evaristo, após ser apagada, silenciada durante todo o livro de Clarice

especialmente no que se refere aos conceitos de escrevivência, memória e ancestralidade; além das contribuições de Eduardo Assis Duarte para pensar sobre a literatura afro-brasileira e suas especificidades.

Para além dessas contribuições teórico-analíticas, este trabalho adota a reflexão de Nitrini (2000) sobre a distinção entre influência e imitação para argumentar que a verdadeira influência ultrapassa a simples métrica de alcance. A autora alerta que, sem a clareza desses dois conceitos, a ação analítica pode suscitar equívocos, haja vista que a influência pode ser confundida com a mera imitação. Isto é, para pensar a literatura comparada, Nitrini nos apresenta alguns conceitos que alumiam esta análise aqui empreendida.

Assim, este trabalho está organizado em três capítulos deste modo organizado: Da formação da literatura brasileira à emergência da literatura afrobrasileira; Do não florescer ao florescer: Macabéa de Clarice Lispector pelos olhos e mãos de Conceição Evaristo e, por fim, as considerações finais.

2. DA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA À EMERGÊNCIA DA LITERATURA AFROBRASILEIRA

2.1. A formação do sistema literário brasileiro

Para a efetivação desta pesquisa, fez-se necessário realizar um breve recuo na historiografia da literatura brasileira, a fim de compreender o processo de formação e consolidação de seu sistema literário, aspecto indispensável para a análise do objeto deste estudo.

Conforme destaca Antonio Candido (2000), a literatura brasileira constituiu-se de forma gradual, acompanhando o desenvolvimento histórico, político e cultural do país. Nesse sentido, embora a tradição escrita tenha se iniciado com a chegada dos portugueses em 1500, as primeiras manifestações literárias ainda estavam fortemente vinculadas aos modelos estéticos da metrópole portuguesa.

Logo, a consolidação de uma literatura propriamente brasileira ocorreu de maneira progressiva. Para Antonio Candido (2000), esse processo ganha consistência a partir do Arcadismo, enquanto Alfredo Bosi (2015) identifica no Barroco os primeiros indícios da formação de uma identidade literária nacional. Ainda que partam de perspectivas distintas, ambos os estudiosos convergem ao compreender a literatura brasileira como resultado de um longo percurso histórico de construção estética e cultural.

Em *Formação da Literatura Brasileira* (2000), Antonio Candido concebe a literatura como um sistema formado pela articulação entre produtores, receptores e mecanismos de transmissão das obras. Segundo o autor

[...] Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade.(Candido, 1959, p.23)

Nessa perspectiva, a literatura deixa de ser compreendida como um conjunto isolado de obras para constituir-se como um sistema vivo, em permanente diálogo com a sociedade e com seu contexto histórico. Essa concepção é particularmente importante para esta pesquisa, pois permite compreender que a inserção de novas vozes no sistema literário brasileiro, entre elas a de Conceição Evaristo, resulta de um processo contínuo de transformação do próprio campo literário.

Ao discutir essa formação, Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2015), apresenta um panorama da evolução da literatura nacional desde o período colonial até a contemporaneidade. Inicialmente, o autor identifica duas manifestações predominantes: a literatura informativa, voltada para o registro e a descrição das novas terras, representada por autores como Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo e Gabriel Soares de Sousa; e a literatura jesuítica, cujo principal objetivo era a catequização dos povos indígenas, tendo José de Anchieta como seu maior representante.

Embora essas produções ainda não configurassem uma literatura nacional plenamente consolidada, elas contribuíram para o desenvolvimento das primeiras manifestações escritas em território brasileiro.

Segundo Bosi (2015), é com o Barroco que começam a surgir manifestações literárias capazes de expressar aspectos mais específicos da realidade colonial. Movimento artístico e cultural que ultrapassou os limites da literatura, o Barroco encontrou em Gregório de Matos um de seus principais representantes. Sua produção poética, marcada pela sátira, pela religiosidade e pela crítica aos costumes da sociedade baiana, revela importantes elementos da formação cultural brasileira.

Na sequência, o Arcadismo intensificou o processo de afirmação da identidade literária nacional ao incorporar temas relacionados à natureza, ao pastoralismo e às paisagens brasileiras. Autores como Cláudio Manuel da Costa e Basílio da Gama passaram a valorizar elementos locais, contribuindo para o afastamento gradual dos modelos exclusivamente europeus. Em especial, *O Uruguai*, de Basílio da Gama, representa um avanço na construção de uma literatura que incorpora personagens, espaços e conflitos próprios da realidade brasileira.

Esse movimento alcança maior maturidade com o Romantismo, período em que a literatura brasileira passa a afirmar de maneira mais consistente um projeto de identidade nacional. A publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, é tradicionalmente considerada o marco inicial desse movimento, cujas

obras privilegiaram temas como a natureza, a pátria, a infância e a valorização da cultura nacional.

Além disso, o Romantismo consolidou-se poucos anos após a Independência do Brasil, assumindo como um de seus principais objetivos a construção de uma identidade nacional. Esse movimento ampliou a circulação da literatura entre novos públicos e valorizou elementos como a cultura brasileira, a natureza, o sentimento e a idealização do belo, contribuindo para a afirmação de uma literatura cada vez mais distante dos modelos europeus.

Entre seus principais representantes destaca-se o poeta maranhense Gonçalves Dias (1823–1864), considerado por Alfredo Bosi (2015) o primeiro autor autenticamente romântico. Em obras como *I-Juca-Pirama* (1851) e *Canção do Exílio* (1843), o autor evidencia o nacionalismo e a valorização da figura indígena, aspectos que marcaram profundamente a primeira geração romântica. Em oposição à idealização romântica, o Realismo direciona seu olhar para a realidade social, buscando representar os conflitos humanos sem romantizações.

Nesse contexto, Machado de Assis (1839–1908) destaca-se como o principal nome do movimento, especialmente com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), obra considerada por Bosi (2015) um marco da literatura brasileira. Sobre essa ruptura, o autor afirma: “[...] cujo divisor de águas seriam as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, compreende-se melhor se atribuída a uma reestruturação original da existência... (Bosi, 2015, p. 142).”

A partir dessa perspectiva, Machado de Assis inaugura uma narrativa marcada pela ironia, pela crítica social e pela investigação da condição humana, abordando temas como a hipocrisia, o egoísmo e as contradições da sociedade burguesa. Embora pertençam a contextos históricos distintos, observa-se que Clarice Lispector dialoga com essa tradição ao aprofundar a dimensão psicológica de suas personagens e ao problematizar a condição humana, ainda que por meio de uma estética própria e inovadora.

Paralelamente ao Realismo, desenvolve-se o Naturalismo, movimento que compartilha o interesse pela realidade, mas privilegia uma perspectiva científica, influenciada pelo determinismo e pelo evolucionismo. Para os naturalistas, o comportamento humano era fortemente condicionado pelo meio social, pela hereditariedade e pelas circunstâncias em que os indivíduos viviam.

No Brasil, o principal representante desse movimento foi o escritor maranhense Aluísio Azevedo (1857–1913), cuja obra *O Cortiço* (1890) constitui um dos maiores expoentes do Naturalismo brasileiro. Sobre esse romance, Alfredo Bosi afirma: “Só em *O Cortiço* Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava à sequência de descrições muito precisas [...], fazendo do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista.” (Bosi, 2015, p. 152).

Ao transformar o espaço coletivo em elemento central da narrativa, Aluísio Azevedo evidencia as desigualdades sociais, a pobreza, a violência e os mecanismos de exclusão que atingem as camadas populares. Essas questões permanecem atuais e dialogam, em certa medida, com obras posteriores da literatura brasileira, como *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que também representa sujeitos socialmente marginalizados.

Entretanto, enquanto o Naturalismo explica seus personagens pelo determinismo social, Clarice privilegia a dimensão existencial da exclusão, perspectiva que será posteriormente ressignificada por Conceição Evaristo ao incorporar as discussões sobre raça, memória, ancestralidade e escrevivência na reconstrução da personagem Macabéa.

Na transição entre os séculos XIX e XX, destacam-se o Parnasianismo e o Simbolismo, movimentos que contribuíram para a diversificação das formas de expressão da literatura brasileira.

Os parnasianos valorizavam o rigor formal, a objetividade e o efeito estético da linguagem, tendo como marco a publicação de *Fanfarras* (1882), de Teófilo Dias (1854–1889), além da atuação da chamada tríade parnasiana: Olavo Bilac (1865–1918), Raimundo Correia (1859–1911) e Alberto de Oliveira (1857–1937).

Segundo Alfredo Bosi (2015), o Simbolismo herdou do Parnasianismo o cuidado estético com a linguagem, mas deslocou sua atenção para a subjetividade, a musicalidade e o universo simbólico. Nesse movimento, destacam-se autores como João da Cruz e Sousa (1861–1898), cujas obras *Broquéis* (1893) e *Missal* (1893) representam importantes marcos da poesia simbolista brasileira.

2.2.O Modernismo e a renovação da narrativa brasileira

Em seguida, o Pré-Modernismo constitui um período de transição marcado pela ampliação dos temas sociais e pela problematização da realidade brasileira. Entre seus principais representantes destacam-se Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos, cuja obra *Eu* (1912) rompeu com os padrões estéticos vigentes ao abordar temas como a morte, a decomposição do corpo e os conflitos existenciais. Esse momento prepara o terreno para a renovação literária que se consolidaria com a Semana de Arte Moderna de 1922. Ao tratar desse acontecimento, Bosi afirma que:

A Semana foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural.(Bosi, 2015, p. 272)

A Semana de Arte Moderna representou, portanto, uma ruptura com os modelos tradicionais e inaugurou uma nova concepção de literatura, voltada para a experimentação estética e para a valorização da identidade brasileira. Entre seus principais representantes encontra-se Mário de Andrade (1893–1945), cuja obra *Macunaíma* (1928) sintetiza, segundo Bosi (1994), uma reflexão crítica sobre a formação da identidade nacional ao construir a figura do “herói sem nenhum caráter”, personagem que reúne, simbolicamente, diferentes aspectos da cultura brasileira.

Outro importante representante do Modernismo foi Manuel Bandeira (1886–1968), tendo em vista que sua poesia rompeu com as convenções formais anteriores e privilegiou uma linguagem mais simples, cotidiana e, portanto, intimista. Paralelamente, surgiram diferentes grupos modernistas em diversas regiões do país, ampliando significativamente a produção literária brasileira. Nesse contexto, destacam-se autores como Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), cuja obra consolidou a liberdade formal e a reflexão sobre a experiência humana.

É nesse ambiente de renovação estética que se insere Clarice Lispector (1920–1977). Embora pertença à terceira geração modernista, sua escrita rompe com os modelos narrativos tradicionais ao privilegiar a interioridade das personagens, a investigação existencial e a complexidade da condição humana.

Por fim, a Literatura Contemporânea amplia ainda mais os horizontes da produção literária brasileira ao incorporar novas vozes, novos sujeitos e diferentes perspectivas sobre a realidade social. Questões relacionadas à identidade, às relações étnico-raciais, ao gênero, à memória e à ancestralidade passam a ocupar posição central nas narrativas contemporâneas.

Embora escritoras como Maria Firmina dos Reis, produzindo ali no século XIX o primeiro romance de uma mulher negra, e Rachel de Queiroz, como a única escritora mulher expoente em sua geração, tenham contribuído, em diferentes momentos, para a ampliação da participação feminina na literatura brasileira, é na contemporaneidade que autoras negras conquistam maior visibilidade e passam a tensionar o cânone literário a partir de seus próprios lugares de enunciação.

Esse breve percurso evidencia que a literatura brasileira se consolidou por meio de um processo contínuo de transformações estéticas e culturais, ampliando progressivamente seu sistema literário e incorporando novos sujeitos, novas perspectivas e diferentes formas de representação. É justamente nesse processo de expansão que se inserem, posteriormente, as obras de Clarice Lispector e Conceição Evaristo. Embora pertencentes a contextos históricos distintos, ambas dialogam com essa tradição literária ao problematizar questões relacionadas à identidade, à exclusão social e à representação da mulher.

A escrita de Evaristo, em especial, amplia esse horizonte ao recuperar a personagem Macabéa sob a perspectiva da escrevivência, deslocando o foco da invisibilidade para o florescimento da identidade feminina negra, aspecto que fundamenta a análise desenvolvida nesta pesquisa

2.3. Clarice Lispector e a interiorização da narrativa

Entre os grandes nomes da Literatura Brasileira do século XX, destaca-se Clarice Lispector (1920–1977), considerada uma das principais representantes da terceira fase do Modernismo. Sua escrita rompe com a narrativa tradicional ao privilegiar a interioridade das personagens, deslocando o foco da ação para os conflitos existenciais e psicológicos do sujeito.

Quando apareceu *Perto do Coração Selvagem*, romance de uma jovem de dezessete anos, a crítica mais responsável, pela voz de Álvaro Lins, logo apontou-lhe a filiação: “nosso primeiro romance dentro do espírito e da técnica de Joyce e Virginia Woolf” [...]. Clarice Lispector se manteria fiel às suas primeiras conquistas formais. O uso intensivo de metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual têm sido constantes do seu estilo de narrar que, na sua manifesta heterodoxia, lembra o modelo batizado por Umberto Eco de “opera aberta”. Modelo que já aparece, material e semanticamente, nos últimos romances, *A paixão segundo G. H.* e *Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres*. (2015, p. 338)

Alfredo Bosi destaca a genialidade de Lispector ao produzir seu primeiro romance ainda na adolescência, tal como destaca a consolidação de um estilo de escrita ao afirmar que a singularidade da autora está na exploração da experiência interior de suas personagens e não na construção de acontecimentos externos.

Ademais, o crítico aponta a permanência de recurso estilísticos como a metáfora insólita, o fluxo de consciência e a ruptura da linearidade narrativa, demonstrando, desse modo, o compromisso de Lispector com uma estética voltada mais para a subjetividade e a busca dos estados mais profundos do ser.

Por conseguinte, quando Bosi aproxima a obra de Lispector à ideia de obra aberta, de Eco, ele aponta que os romances claricianos até então publicados recusam interpretações únicas e convidam o leitor a participar ativamente da construção dos sentidos da narrativa. Atribui-se essa abertura interpretativa à fragmentação do enredo, da linguagem altamente simbólica e da valorização da introspecção como eixo da experiência literária e isso pode ser visualmente materializado nas obras *A paixão segundo G.H.* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*.

Corroborando com as reflexões de Bosi, Candido elege Lispector como uma autora que tentava equilibrar o tema e a palavra de uma forma nova, possibilitando ao

leitor ver o texto como “uma construção verbal que trazia o mundo no seu bojo”, não “um farrapo do mundo imitado pelo verbo” (2021, s/p). Assim, nesse movimento de invenção da linguagem, coroava a prosa novamente com um status soberano.

Complementarmente, segundo Antonio Candido, em seu ensaio *Clarice Lispector – no começo era de fato verbo*, o primeiro romance da autora foi “um desvio criador. Para os que se ocupavam de literatura e estavam então começando a carreira (é o meu caso), foi como se tivesse surgindo uma possibilidade diferente (2021, s/p). Esse espírito e pena iconoclastas de Lispector, configura-se como uma inovação inventiva da linguagem que elevou o perfil da literatura brasileira no século XX.

Ademais, em suas obras, *Água viva* (1973), *Felicidade Clandestina* (1971), *Laços de família* (1960), a autora explora as inquietações humanas, a solidão, a identidade e a dificuldade de comunicação, construindo, dessa maneira, personagens que vivem intensos processos de reflexão sobre si e sobre o mundo que as cerca. Segundo Alfredo Bosi (2015), a narrativa clariceana representa um dos momentos de maior renovação da literatura brasileira, justamente por transformar a linguagem em instrumento de investigação da consciência humana.

O autor destaca também que a literatura modernista era marcada pelo sentimentalismo, sem foco na racionalidade e na consciência esclarecida. É justamente nesse estilo de escrita que se encaixa a produção de Lispector, haja vista que a autora abordava em suas obras maneiras distintas de absorver o mundo por meio do eu: com monólogos intensos, experiências existenciais e intimistas.

Em uma vertente derradeira de escrita, Lispector cria aquilo que denominam de obra de maior apelo social: *A Hora da Estrela* (1977), uma das últimas obras publicada pela autora que mesmo com forte cunho social, mostra como a autora usava questões do eu para apreender o mundo. Em poucas palavras, a obra aborda estereótipos tanto femininos quanto sociais, e colocando em linhas a realidade enfrentada por seres humanos, por exemplo, a decepção amorosa, o fato de não se sentir pertencente ao mundo, a miséria, exclusão social, pobreza e dentre outras questões.

Assim, Lispector é uma autora essencial dentro do modernismo e, principalmente, para a literatura brasileira, haja vista que seu projeto literário é complexo e ainda hoje revisitado seja pela academia ao possibilitar novas leituras analíticas, seja pelos escritores contemporâneos ao recuperarem suas grandes personagens.

Nessa perspectiva, Clarice Lispector possui uma sólida fortuna crítica e dentre os pesquisadores de sua obra, alguns se destacam: Benedito Nunes, com o livro *O mundo de Clarice Lispector*, de 1966, considerado o introdutor dos estudos claricianos comparando-a com a filosofia existencialista e a ontologia; Nádya Batella Gotblit, considerada uma das maiores especialistas na vida e obra da escritora, publicou *Clarice, uma vida que se conta* (1995) e *Clarice fotobiografia* (2008); e Olga de Sá, autora da tese *A Escritura de Clarice Lispector* (1979), considerada uma das análises acadêmicas pioneiras e mais densas sobre a poética da autora brasileira, somente para citar as principais.

A partir disso, pode-se analisar que as perspectivas analíticas mais recorrentes nas obras de Clarice Lispector são, psicanalítica, existencialista e sociológica, sendo elas notórias na obra- inspiração: *A hora da estrela*.

2.4. Literatura afrobrasileira: escrevivência e ancestralidade em Conceição Evaristo

O professor e crítico literário Eduardo Assis Duarte cunhou o termo Literatura Afro-Brasileira. Logo, em seu texto *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção* (2008), ele destaca um ponto que é questionado por muitos pesquisadores e críticos: sobre a existência daquilo que chamamos de literatura afrobrasileira. Para isso, o autor destaca cinco aspectos que “constatam” a existência dessa literatura, tais como: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. Dentre esses aspectos, destaca-se o primeiro, a temática:

Um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento de um texto à Literatura Afro-brasileira situa-se na temática. Esta pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba. (Duarte, 2008 p.13)

A temática, como afirma Duarte, é um dos pilares para a comprovação e permanência da literatura afrobrasileira tal como seus desdobramentos, e se alinha à leitura feita da personagem Bêa uma vez que ela representa a potencialidade da mulher negra.

Além disso, o autor ainda destaca que “A temática negra abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Brasil, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade.” (Duarte, 2008 p.13), essas tradições culturais e religiosas podem ser percebidas nos contos *O sagrado pão dos filhos* e em *Fios de ouro*, encontradas na obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017).

Acerca desses pressupostos, destaca-se o segundo, a autoria:

O tópico da autoria é dos mais controversos, pois não apenas implica a consideração de fatores propriamente biográficos e fenotípicos, com todas as dificuldades inerentes à definição do que é ser negro no Brasil, mas também em função da defesa de uma “literatura negra de autoria branca”, feita por alguns estudiosos, como Benedita Gouveia Damasceno. Nesse caso, corre-se o risco de redução da literatura afro-brasileira ao negrismo, entendido enquanto mera utilização da temática, como no caso dos Poemas negros, de Jorge de Lima. (Duarte, 2008 p.14)

A reflexão de Duarte evidencia que a literatura afrobrasileira não pode ser definida exclusivamente pela presença de personagens, temas ou cenários relacionados à população negra, uma vez que essa perspectiva corre o risco de reduzir sua complexidade estética e política ao chamado negrismo, ou seja, à simples tematização da experiência negra por autores externos a ela – uma literatura negra de autoria branca.

Assim, ao tensionar a questão da autoria, o autor chama atenção para a necessidade de compreender a literatura afrobrasileira como um lugar de enunciação atravessado pela experiência histórica, cultural e identitária da população negra, sem esquecer as dificuldades no entorno da definição do que é ser negro no Brasil.

Essa discussão torna-se importante para pensar e analisar a escrita de Conceição Evaristo, uma vez que ela é o contrário dessa concepção de negrismo, haja vista que sua escrita articula autoria, memória, ancestralidade e vivência em uma perspectiva que ultrapassa a representação do sujeito negro para configurar uma escrita produzida a partir de sua própria experiência histórica e coletiva.

As obras de Evaristo, nesse sentido, emergem como uma literatura afrobrasileira, pois em seus contos, o negro inscreve sua história, memória e sua cultura e não apenas observa de fora essa contação de modo estereotipado. Em outras palavras, a emergência do conceito *escrevivência*, formulado pela própria autora, coloca em evidência memórias ancestrais e autorepresentação que fazem florescer novos horizontes de pertencimento. E é nesse sentido que se insere a ressignificação da personagem Macabéa, de Lispector, na escrita evaristiana.

Logo, Conceição Evaristo (1946) é uma escritora e uma intelectual contemporânea que vem se destacando ao longo das últimas décadas, mineira, autora negra e de origem periférica. Estreou formalmente na literatura por meio da série *Cadernos Negros* (coletivo Quilombhoje), em 1990, ao publicar um poema intitulado *Vozes-mulheres* na antologia da 13ª edição.

Com suas obras marcantes e emocionantes que carregam reflexões e significados profundos sobre a experiência negra, dentre as obras literárias mais importantes destacam-se: seu romance inaugural *Ponciá vivência* (2003); *Becos da memória* (2006); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); *Olhos d'água* (2014); *Canções para ninar meninos grandes* (2018), entre outras.

Em suas obras, a autora aborda e resgata temas como raça, ancestralidade, resistência e memória, além de colocar as mulheres negras no centro da história, uma

vez que elas tem o “poder” de contá-las por meio daquilo que ela denominou como *escrevivência*.

A autora possui uma vasta fortuna crítica e um renome que tem conquistando cada vez mais espaço fora e dentro da academia. Diversos pesquisadores se destacaram ao estudá-la. Dentre eles, alguns utilizados nesta pesquisa, nomes como professor Eduardo Assis Duarte, da UFMG; a professora Constança Lima Duarte; e a pesquisadora Isabella Rosado Nunes; e Fernanda Felisberto da Silva, além de outros pesquisadores, que ao estudá-la reforçam sua importância para a literatura e para além dela.

Diante de um cenário de pesquisa que se amplia, a obra aqui em evidência diz respeito a recuperação de um clássico da Literatura Brasileira modernista e que o traz para o centro das discussões contemporânea: *Macabéa, flor de mulungu* (2023), sendo uma releitura de *A hora da estrela* de (1977), de Clarice Lispector, na qual Conceição vai ressignificar a história de Macabéa por meio da *escrevivência* e dar um novo sentido à vida e à história da personagem.

Para tanto, a leitura e análise de *Macabéa*, de Evaristo, determina chaves conceituais bem específicas, pois a autora recupera a história da personagem a partir de outros marcadores sociais distintos daqueles construídos por Lispector. E é por isso que o objeto deste estudo delineou não somente os objetivos, mas também o método de pesquisa e as categorias conceituais, a saber, a *escrevivência*, ancestralidade, simbologia e os elementos da narrativa.

Logo, primeiramente será apresentado o conceito de *escrevivência*: a *escrevivência* é a junção de duas palavras (escrever + vivência) e que juntas ganharam significados outros que se materializam na escrita de Conceição Evaristo. No conto *Macabéa, flor de mulungu*, por exemplo, a autora, mais uma vez, põe em prática a sua conhecida postulação sobre o termo de própria autoria: “A nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa- grande, e sim acordá-los de seus sonhos injustos” (Duarte, Nunes, 2020)”, desse modo, é em uma escrita marcada pela vivência de mulheres negras e que têm como premissa incomodar tirar os da casa grande da zona de conforto. Logo, essa técnica elaborada por Evaristo e utilizada por autores e autoras negras, é assim definida:

[...] se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de

emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (Duarte, Nunes, 2020, p.30)

É importante reforçar que Conceição Evaristo além de ficcionista, é também uma intelectual, e esse conceito foi usado por ela pela primeira vez no ano de 1996, um marco importante para a *literatura afro-brasileira*, e se tornou hoje uma categoria teórica e também analítica.

Para a escritora e intelectual, escrever as vivências, o real, as experiências das mulheres negras é uma forma de resistência e reivindicação de histórias que foram apagadas, marginalizadas e silenciadas pela sociedade patriarcal e escravocrata. Diante disso, Stephanie Evaristo afirma que

É a partir do conceito de *escrevivência*, cunhado pela própria Evaristo, que sua obra se estrutura como um espaço de luta e reinvenção. A *escrevivência* ultrapassa a mera ficção literária e se afirma como um modo de narrar a partir do corpo, da memória e das dores e amores da população negra, especialmente das mulheres. A autora escreve com a vida, com a carne e com a história, promovendo o deslocamento do olhar literário para as margens sociais e oferecendo protagonismo àquelas que historicamente foram silenciadas. (Evaristo, 2025, p. 938)

Como a pesquisadora Stephanie Evaristo bem destaca, a importância da *escrevivência* para a população negra, em específico as mulheres, é de como essa *escrevivência* se manifesta como estratégia de reescrita da história e, sobretudo, como afirmação de uma voz feminina-negra, isto é, esse conceito traz para o texto literário a vivência de fato, com seus amores e suas dores, dando protagonismo a maior parcela da sociedade que, por séculos, foi silenciada tanto pelo sistema quanto pelo cânone literário. Além disso Duarte e Nunes (2020), em seu texto sobre a *Escrevivência*, destacam que:

A *Escrevivência* de Conceição Evaristo é também referência em universidades nacionais e internacionais, escolas públicas e privadas, não só no campo da literatura, como da psicanálise, da história, do direito, dentre tantos outros. (Duarte e Nunes, 2020, p.19)

Nesse sentido, os autores reforçam que a *escrevivência* de Evaristo é referência em diferentes espaços e níveis de ensino e não somente no Brasil, mas em outros países também, além das barreiras geográficas, esse conceito ultrapassou as barreiras disciplinares, influenciando outras áreas de conhecimento, a saber, a

psicanálise, a história, o direito. Com isso, essa afirmação das autoras só demonstram o quão necessário é explorar e estudar pela ótica da “escrevivência” criada por Conceição Evaristo para que ela continue atravessando fronteiras e transformando histórias e vidas.

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. (Duarte, Nunes, 2020, p.38)

Um dos aspectos centrais desse conceito reside justamente no fato de não se tratar de uma escrita solo, centrada no eu, mas de uma escrita que se constrói em diálogo com a comunidade e com a ancestralidade, como destacam as autoras.

Ao assumir sua condição de mulher negra e sua religiosidade de matrizes africanas, Conceição Evaristo desloca o espelho de Narciso, aqui interpretado como o cânone literário hegemonicamente branco, que escreve para si e apaga as vozes negras, e o substitui pelos orixás Oxum e Iemanjá. Esse deslocamento demonstra que o espelho canônico não reflete o rosto negro, reforçando práticas históricas de exclusão e silenciamento.

A partir dos apontamentos sobre Escrevivência, torna-se necessário abordar o termo ancestralidade para melhor compreensão, pois ambos, de certa forma, caminham lado a lado. Este termo é mencionado por Smith (2017) apud Kirch, Carvalho (2024, p.130) quando afirma que: “a ancestralidade se manifesta não apenas como um legado genético, mas como um conjunto de práticas culturais que moldam a identidade e a visão de mundo de uma comunidade”, em linhas gerais, entendemos por ancestralidade o conjunto de origens e heranças culturais que aprendemos e que nos mantêm ligados aos nossos antepassados.

Isto é, Kirch, Carvalho (2024) entendem a noção de ancestralidade como algo que é

[...] rica e multifacetada, haja vista que tem atravessado diversas culturas e contextos históricos, assim como tem servido como elo fundamental que conecta as gerações presentes às suas origens, fixadas no passado. Em um sentido mais amplo, a noção de ancestralidade pode ser entendida como o conjunto de valores, tradições, conhecimentos e práticas que são transmitidos ao longo dos

tempos de uma geração a outra, criando uma ponte entre os antepassados e os seus descendentes. (Kirch, Carvalho, 2024, p.132)

Ademais, pode-se afirmar que a ancestralidade está presente em todos os aspectos da vida humana, desde um “chá para cessar a dor de barriga” até crenças, mitos, que não precisam ser comprovados cientificamente para ganhar eficácia. Ainda é possível mencionar que a ancestralidade constitui, atualmente, um meio de resistência e empoderamento como afirma Kirch e Carvalho

Além disso, a ancestralidade é um tipo de noção/conceito que se apresenta como uma eficiente estratégia de resistência contra processos aligeirados de assimilação cultural e de perda de identidade. Em contextos em que a globalização e as influências externas ameaçam diluir as culturas locais, a reafirmação das tradições ancestrais tem se tornado um ato de resistência e, porque não dizer, de empoderamento. Ao se fortalecer com defesa da sua “ancestralidade” certas comunidades minoritárias pavimentam uma base sólida sobre a qual podem afirmar suas identidades culturais únicas, resistindo às pressões dos processos de homogeneização cultural que tanto afetam as populações em nossos dias. (Kirch, Carvalho, 2024, p.134)

Dessa forma, em um mundo globalizado que tende a homogeneizar as culturas (tornar tudo igual), a ancestralidade funciona como uma estratégia de defesa e de não apagamento do passado, além disso, fica evidente a ligação entre resistência, escrevivência e ancestralidade, pois, com a Escrevivência, Conceição Evaristo dá voz e protagonismo à mulher negra no centro das narrativas, dando visibilidade às suas histórias, memórias e, sobretudo, às suas experiências repletas de ancestralidade. Isso se evidencia no conto que originou esta pesquisa, com a personagem Béa, jovem portadora de sabedorias ancestrais.

Visto isso, ao fazer a releitura de Macabéa e dar um novo nome, Béa, a autora valoriza a cultura negra e rompe com estereótipos historicamente impostos a esse povo. Assim, por meio da Escrevivência, Conceição Evaristo constrói um legado fundamental para a literatura afrobrasileira, contribuindo e servindo de inspiração para que outras mulheres negras também possam se expressar por meio da escrita e de suas sabedorias ancestrais.

3. DO NÃO FLORESCER AO FLORESCER: a Macabéa de Clarice Lispector pelos olhos e mãos de Conceição Evaristo

No âmbito comparatista, trabalhar com obras em que ocorre o fenômeno da influência, ou seja, uma obra que é criada a partir de outra, é bastante complexo e relevante para o campo da pesquisa em literatura. No contexto desta pesquisa, em que será analisada a personagem Macabéa em duas obras de diferentes períodos estéticos e socio-históricos, é importante destacá-las primeiro de forma separadas, para depois analisá-las juntas.

3.1. “Era preciso consertar as palavras, assim como era preciso consertar, arrumar a vida e o mundo”: de Macabéa à Béa

A personagem Macabéa em *A hora da estrela* é apresentada como uma moça datilógrafa, alagoana, órfã de pai e mãe e nordestina que imigra para o Rio de Janeiro. Além disso, ela não possui perspectiva acerca da vida, visto que sempre foi ignorada e negligenciada, Macabéa não possui ferramentas para imaginar uma vida melhor ou um futuro promissor, ela limita-se a existir no tempo presente, o agora, o que provoca o questionamento: a quem se atribui a responsabilidade pela negação de sua subjetividade e de seu direito à evolução? a sociedade? ao sistema? ou a ela mesma? “Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar.” (p. 29), trechos como este refletem o quanto Macabéa foi silenciada durante toda sua existência.

A partir dessas características e adjetivos, pode-se, em uma leitura apressada, considerar que a personagem Macabéa de Clarice Lispector, segundo as postulações da crítica literária Beth Brait (1985) acerca da construção da personagem, é considerada *Plana*, tendo em vista que a sua descrição se dá de forma muito simples e direta, no entanto, a personagem pode ser considerada também *redonda* (ela é complexa e continua sendo revisitada, como Conceição fez), pois ela surpreende ao longo da narrativa e não sabemos quais serão suas próximas peripécias e tampouco o final da sua história.

[...]Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjoo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo

luminoso. Estrela de mil pontas. [...] Até tu, Brutus?! Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que - que Macabéa morreu. Vencera o príncipe das trevas. Enfim a coroação. (Lispector, 2020, p.77)

No fragmento, nota-se que Macabéa, apesar de ser marginalizada e, conseqüentemente, passiva em diversas situações da trama, se enquadra como personagem *plana e redonda* como representa o trecho acima, a partir de suas ações durante a novela, a título de exemplificação, logo no início do enredo, o narrador Rodrigo S.M. apresenta-a como uma infeliz nordestina que migra para o Rio de Janeiro para morar em um cortiço e trabalhar como datilógrafa.

Entretanto, “Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim (Lispector, 2020, p. 27).

Com isso, podemos observar como a personagem é vista pelo narrador quando ele utiliza adjetivos como *subterrânea* e *capim*, ou seja, algo que está sempre por baixo ou embaixo, de difícil desenvolvimento, que nasce e morre no mesmo local e é passivo a qualquer ação ou insignificante. Ademais, a falta de “floração” utilizada pelo narrador dá ênfase à incapacidade ou ausência de húmus para o florescimento de Macabéa, o que lhe confere uma existência invisível aos olhos da sociedade.

No dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa do nervosismo de *beber coisa de rico*, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não *desperdiçar* o luxo do chocolate. Dias depois, recebendo o salário, teve a *audácia* de pela primeira vez na vida (explosão) procurar o *médico barato* indicado por Glória. Ele a examinou, a examinou e de novo a examinou (Lispector, 2020, p. 60)

Nesse trecho, podemos notar como a personagem era negligenciada, que por beber um simples chocolate passou mal e a utilização de palavras como “beber coisa de rico”, “desperdiçar”, “audácia” e “médico barato” desnudam a situação de marginalidade e precariedade de Macabéa, evidenciando seu *status quo*.

Diferentemente da primeira Macabéa (não tem voz demarcada na trama, etc.), a personagem de Conceição Evaristo ganha novos caminhos: Evaristo revisita a personagem Macabéa, criada por Clarice Lispector, para lhe oferecer um novo destino, marcado não pela fatalidade, mas pela potência da vida, da ancestralidade e da memória coletiva.

A autora, antes de iniciar a narrativa, estabelece uma profunda identificação com a protagonista de Lispector e, ao recuperar sua história, desconstrói a imagem de uma jovem vazia, passiva e destinada à morte, assim apresentada:

Nos primeiros momentos, antes ainda de meu olhar pousar sobre a moça, levada pela tamanha sofrência que as pessoas traduziam da vida para ela, fui logo pensando na via-crúcis da existência de Macabéa. E por força de antigos conhecimentos, adivinhei a dor da moça. Das angústias de Macabéa eu carecia, para agraciar as minhas. E de que viver, o que escrever se não sangrassem em mim, as dores da estrela?. (Evaristo, 2023, p.11).

Com isso, a autora contemporânea recupera a fatídica vida de Macabéa, no conto *Macabéa, flor de mulungu*, a personagem que atende pelo nome de Béa, apelido dado carinhosamente a jovem Macabéa, termo que reflete como a personagem pertencia a um lugar e era vista pela sociedade como alguém no mundo, assim apresentada:

Macabéa não era uma pessoa de raso conhecimento. Era capaz de fingir de morta para enganar coveiro. Passava despercebida para muitos, enquanto *nem sombra se movia longe dos sentidos dela*. Dia e noite vigiava e assuntava a vida. A bem da verdade, Macabéa *residia na casa da linguagem, embora não fosse de muito falar. Aprendera com os seus determinadas máximas. Em boca fechada não entra mosquito*. Pouco errava em suas apreciações, não era dada à falação. Entre o ouro do silêncio e a prata da palavra, escolhia o recolher-se em si, em muitas ocasiões. Entretanto, exercitava a linguagem e muito. Primeiro com ela mesma, depois com o mundo, isto é, as outras, os animais e as coisas em seus estados. (Evaristo, 2023, p. 15)

Béa uma jovem negra repleta de uma força ancestral e sapiência, possui vários ofícios, como o de parteira, por exemplo, mas o seu preferido é cerzir, ou seja, costurar, dar forma a algo que foi rasgado ou desfeito: “[...] para esses então, o afazer da moça não se resumia somente em restaurar fios esgarçados. Era tudo o mais. Trata-se de recompor, de devolver a vida que ali existiu[...]” (Evaristo, 2023, p.23).

É nessa perspectiva que a autora recupera Macabéa, ou seja, Evaristo cerze sua história, dando-lhe vida novamente e chance de florescer. Desse modo, em lugar da representação de Lispector, Evaristo revela a Béa portadora de saberes ancestrais, herdeira de tradições indígenas, africanas e europeias. Ao longo da narrativa, a personagem deixa de ser apenas objeto de compaixão para tornar-se símbolo de resistência e continuidade da vida.

No fragmento, fica evidente que a descrição detalhada dos ofícios da personagem, demonstra que Béa *não era uma pessoa de raso conhecimento*, e que sua sapiência era tamanha que era capaz de *fingir de morta para enganar coveiro*, além do senso de alerta que existe na personagem onde *nem sombra se movia longe dos sentidos dela*, bem como a demarcação que a narradora faz tanto em relação a sua sabedoria quanto ela ser alguém que exercitava a linguagem com ela mesma e não com o mundo, pois ela *residia na casa da linguagem, embora não fosse de muito falar. Aprendera com os seus determinadas máximas. Em boca fechada não entra mosquito*, esses aspectos apresentados revelam uma arquitetura complexa de construção da personagem.

Béa sabia que o mundo falava desde o seu silêncio. Ela também. Para Macabéa nada era mudo, muito menos o mudo. Há tantos sinais. E acatava solenemente a existência de outras linguagens, mesmo sendo desentendida delas. Um dia, Béa ouvira a fala de um rio. E quem diria, pensava ela, que um tantinho de água arrastando num leito tão esmirradinho fosse capaz de oceanar as dores de sua secura. Ninguém diria. Mas o enfraquecido riozito anunciou a morte de suas águas. Quem passasse pelas suas margens, podia ouvir, se quisesse, o líquido soluçar agônico de uma escassa correnteza. Era só colar o ouvido na terra. Era só ouvir as vozes das margens. Ah! Macabéa era minguinha também. Nascera raquítica e muito. Mas sobrevivera. Sobreviverá. Sempre. (Evaristo, 2023, p. 15-16)

O fragmento corrobora a ideia de que determinadas características das Macabéas são semelhantes, mas com arranjos distintos: enquanto lemos o silêncio da Macabéa de Lispector como algo negativo e que denotam o não trato com a linguagem; em Evaristo, o olhar é outro: o silêncio é ressignificado e ganha vestes que denotam sabedoria e muito conhecimento e tudo isso tinha uma fonte, portanto, a Béa, flor de mulungu, possuía uma força que era ancestral, possibilitando que Béa lesse outras linguagens como mostra o excerto acima.

Ademais, seus talentos são glorificados por meio de sua variadas profissões:

E assim seguia a vida de Macabéa, na cidadezinha em que ela havia nascido. Amparando crianças que escorregavam livremente do ventre materno, mezinhando uns e outros e laborando em cerzimentos sempre, para muitos. De todas as funções exercidas, o ato de cerzir era o que mais seduzia a moça. E de todas as peças, as que vinham sempre em abundância para a cerzideira, eram lenços. Noite e dia. Alguns chegavam tão puidinhos, tão enfraquecidos e com os fios tão visivelmente rompidos, que não passavam de molambos pendentes à morte, ao esquecimento. Para esses então, o afazer da moça não se

resumia somente em restaurar os fios esgarçados. Era tudo o mais. Tratava-se de recompor, de devolver a vida que ali existiu. Esses lenços, existências em seus momentos escorregadios, chegavam sempre secos, mas úmidos de lágrimas. Seus donos podiam ser homens ou mulheres. E com que presteza a Flor de Mulungu se entregava toda ao milagroso ofício! (Evaristo, 2023, p.23)

O excerto ratifica que as Macabéas apesar de presarem pelo silêncio, esse mesmo silêncio tem projetos arquitetônicos contrários: Macabéa datilógrafa que trabalha apenas para seu sustento, sem perspectiva acerca do futuro; já Béa que possui ofícios distintos e múltiplos, ela é parteira, trazendo crianças ao mundo sem as deixar morrer já que seu dever desde que se tornou flor era este: cerzideira que costurava vidas e roupas, além de possuir perspectivas acerca de seu futuro na vida pessoal e profissional.

Além disso, Béa, tal como Macabéa, saiu de sua pequena cidade Natal, onde aprendera tudo o que sabia, e foi morar na cidade grande:

E assim seguia a vida de Macabéa na Capital, lugar de sua nova morada. Dos ofícios aprendidos em sua terra Natal, já que não desempenhava nenhum deles. Ao aportar, nas imediações da praça Mauá, percebendo a vizinhança, pensou em continuar mezinhando, cerzindo e partejando.[...] Entretanto, o pensamento esfumou-se em um não pensar mais no assunto. Macabéa queria experimentar o novo. (Evaristo, 2023, p.27)

Nesse sentido, diferente de Macabéa outra, Béa estava sempre em busca de transformação/mudança, uma vez que ela não se acomodava com a vida que tinha, o excerto denuncia que ela estava em busca de aprender mais, porém sem se desfazer dos seus aprendizados outros, carregava consigo a potência ancestral, os conhecimentos ela é a memória presente.

Béa queria experimentar o novo e para isso iniciou sua mais nova profissão na capital:

Porém, com o passar o tempo, esse tec-tec se transformou em um viciado e pobre refrão, um canto desafinado no cotidiano de seus dias. E diversas vezes Macabéa se perdia nas ordens dadas por Seu Raimundo, seu patrão. Voz e conteúdo de mensagem se transformavam em tec-tec-tec; tec-tec-tec; tec-tec-tec. Glória, sua companheira de trabalho, não tinha outro assunto a não ser tec-tec. As quatro moças, balconistas das lojas americanas, multiplicavam por quatro o infinito tec-tec-tec de suas conversas. E até tarde da noite, mesmo cansadas, preocupadas com Macabéa, tentativas faziam para

arrancar a moça de seu mutismo e aliciá-la para o tec-tec-tec de vários assuntos. (Evaristo, 2023,p.27-28)

No fragmento, a narradora apresenta os sons das teclas da máquina de escrever algumas vezes para afirmar que tal repetição era um sinal de incomodo e insatificação de Béa com aquela nova vida. Ou seja, o canto desafinado era carasterístico daquele dia a dia enfandonho que não condizia com a mudança de vida que ela almejava e que foi em busca na cidade grande. Ao chegar em casa, os sons permanciam em seus ouvidos, impedindo-a, inclusive de socializar com as colegas de quarto.

Essas e outras características de Béa dialogam com a idéa de complexidade da personagem redonda elaborada por Brait, ou seja, suas multifaces – o desejo de mudança e a insatisfação causada por ela, configuram-se como uma representação do ser humano que nunca está satisfeito e que é dotada de complexidade interna e externa. De acordo com a Brait:

As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. Para exemplificar, poderíamos recorrer ao elenco das personagens criadas pelos bons escritores e que permanecem como janelas abertas para a averiguação da complexidade do ser humano e potência da, escritura dos grandes narradores. ((Brait, 1985, p. 42)

Corroborando e ampliando as definições de Brait, Antonio Candido, em seu ensaio *A personagem de Ficção* (2007, p.53), afirma que “[...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino[...].”

A partir dessas acepções de Candido, tanto a Macabéa quanto a Béa foram pensadas em consonância com os seus respectivos enredos, pois estão intrinsecamente ligadas, ou melhor, não se pode pensar seus enredos sem antes pensar nas personagens que corroboram suas vidas, anseios, insatisfações, medos e destinos: Macabéa em seu silêncio e de habilidades reduzidas; e Béa sábia até em silêncio e com múltiplas habilidades e, posteriormente, insastisfeita com a mudanças que fez.

Posto isso, afirma-se que no enredo de Clarice Lispector, a personagem é pensada em consonância ao enredo- uma pobre moça órfã, imigrante nordestina que vive no Rio de Janeiro, trabalha em um emprego sem perspectiva de avanço, como datilógrafa, e que passou toda sua vida sendo invisível para o mundo e atravessada por ausências.

Ironicamente, só conseguiu ter seu momento de visibilidade e de estrela no final da narrativa [e de vida] após visitar uma cartomante que previu seu “futuro luminoso”: seria um atropelamento por uma Mercedes amarela ao descer da escada para atravessar a rua, encerrando naquele chão a sua “hora da estrela”, assim narrado:

Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a-e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo.[...] (Lispector, 2020,p.72).

Diferentemente, Conceição Evaristo ao recuperar Macabéa de *A hora da estrela*, sendo ela uma mulher negra, faz o contrário: desde o início da narrativa, Béa é vista em sua comunidade como uma estrela, dotada de qualidades e profissões. a recuperação que Evaristo faz de macabéa é o que Lélia Gonzalez sugere lá na década de 60, mas que, considerando a realidade e a configuração sócio-histórica brasileira à época, não havia abertura. Isto é, Lélia Gonzalez afirma que:

O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infantis é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (Gonzalez, 2020, p.70).

No ensaio *Racismo e sexismo na cultura brasileira, presente na obra Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (2020), ela contribui com um movimento que hoje ganhou maior robustez, a saber: mulheres negras eram vistas como incapazes de assumir o papel de narrar suas próprias histórias, incapazes de tomar suas próprias decisões e que necessitavam de alguém que falasse por elas ou que as autorizassem a falar.

Para tanto, as contribuições de Gonzalez para esta pesquisa são valorosas, uma vez que a analogia que Gonzalez faz “o lixo vai falar” se encaixa com o que o narrador Rodrigo S.M afirma sobre Macabéa, quando se refere a ela como um “Capim”; no entanto, no que se refere a Béa, considerando essa analogia de Gonzalez, o capim deixa de ser capim e torna-se flor e começa seu processo de floração.

Esse silenciamento transvertido de incapacidade é imposto tanto pelo passado colonial escravocrata quanto pelo enraizamento do patriarcado sendo, portanto, rompido pela Conceição Evaristo em suas narrativas, mas é na releitura da Macabéa marginalizada que a autora lança luz ao papel importantíssimo da literatura para o rompimento de tradições violentas e enraizadas.

Para além da Evaristo escritora, utilizamos nesta pesquisa suas postulações acerca desse silenciamento e também em como a literatura (no viés estético) constitui um caminho de superação dele, nesse mundo possível, ela afirma:

A mulher negra, historicamente silenciada, tem encontrado na literatura um espaço legítimo de enunciação. Esse espaço, no entanto, não lhe foi dado; foi conquistado a partir de lutas simbólicas e práticas que envolvem a disputa por representatividade, autoria e escuta. (Evaristo, 2025, p.945)

A recuperação de Béa é um exemplo dessa superação de silenciamento daqueles que estão às margens da sociedade no mundo real, haja vista que Evaristo apresenta uma mulher narrando a história da personagem, destacando suas qualidades, sabedoria e, ao dar novas vestes a Béa, evidencia que ela é uma mulher de força ancestral; o que se diferencia e rompe com a Macabéa de Lispector que tem constantemente a reafirmação de seu lugar na sociedade ao ser narrada por uma figura masculina que a julga, comenta e interpreta sua [ines]existência.

Logo, ainda nesse momento de apresentação da Béa como força ancestral, a narradora afirma:

Às vezes, Macabéa confundia as histórias de um passado remoto, longínquo, com as do passado presente. Confundia também em si povos espalhados pelo mundo. Africanos e seus descendentes, árabes, ciganos, indianos, judeus, povos nativos das terras das Américas e outros e outros. Porém, em meio a estas embaralhadas lembranças, três imagens sobressaíam em sua memória. Uma trindade feminina. Uma jovem índia modelando uma jarra de barro. Uma mulher negra de pé, olhando as águas do mar, ao lado dela, um

cesto coberto por uma toalha branca descansava. E uma velha portuguesa ocupada em servir o marido e os filhos. Nesses momentos, Macabéa impregnada pelo efeito das três imagens, experimentava o ápice da potência feminina. E se fortalecia na certeza de que não estava sozinha. (Evaristo, 2023, p. 16;19)

Essa sabedoria ancestral é justificada pelas confusas memórias que uniam passado e presente. O estar no presente ao mesmo tempo que está no passado é uma das nuances mais fortes da ancestralidade (Kirch Carvalho, 2024). Béa ao visualizar três mulheres de diferentes tradições, desnuda as mituras de povos que formou a história e a cultural brasileira; ademais, Evaristo, por meio da personagem e de suas escolhas, evidencia que é justamente essa força ancestral de união de três forças femininas vindas de povos distintos que potencializa a mulher brasileira.

Outrossim, no que se refere ao “apagamento “ da personagem Béa, Conceição define que :

Mulheres como Macabéa não morrem. Costumam ser porta-vozes de outras mulheres, iguais a elas, mesmo transvertidas em Glórias, e também costumam ser intérpretes das dores de homens, cabras-Machos, vítimas-algozes, como o Olímpico de Jesus. Macabéa não ia morrer. Uma trindade feminina potencializa a existência dela. Macabea, mulher das mezinhas, dos cerzimentos, das mãos aparadoras e anunciantes da boa-nova do nascimento da vida, não morreria jamais. (Evaristo, 2023, p. 32)

Visto isso, é notório que Béa não morre, ela floresce em cada mulher brasileira que um dia foi “apagada” ou silenciada pela sociedade, Béa flor de mulungu somos nós e são todos os nossos.

Por conseguinte, ao tencionar as escolhas de ambas as autoras acerca das representações empreendidas, alerta-se que elas carregam um peso e possibilita refletir em como a mulher é potente, mas muitas vezes é impedida de contar sua própria história, o que talvez justifique por que Macabéa de Lispector passa tanto tempo tentando descobrir quem ela é; já a Béa de Evaristo evidencia que ela é detentora de uma potência e que constroi a própria história.

Para tanto, a aproximação e os distanciamentos entre as obras acontecem de maneiras variadas e é preciso levar em conta o próprio destaciamento temporal em que as obras foram escritas e por quem as escreveu, pela forma, textura da linguagem e, principalmente pela voz que conta cada uma das histórias.

3.2. Da forma à linguagem: semelhanças e diferenças ressignificadas

Durante as análises é possível notar que há uma “divisão” no que diz respeito às escolhas dos nomes das personagens. Na novela *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector a personagem é chamada de *Macabéa* e, poucas vezes, *maca*; já no conto *Macabéa*, *Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo, a personagem é chamada de *Béa* e *Macabéa*. Visto isso, apesar das personagens serem próximas, o gênero de cada história é distinto: o primeiro é uma novela; e a recuperação é conto. Acerca dessas distinções dos gêneros literários, a professora Angélica Soares (2007) afirma que o conto é:

a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias. Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo. (Soares, 2007, p. 54)

O conto é uma narrativa curta, que possui estruturas e características próprias, semelhantes às narrativas orais de cunho ligeiro e com poucos personagens e espaço limitado, por exemplo, os contos de Conceição Evaristo. Já a novela, é entendida por Soares (2007) como:

É a forma narrativa intermediária, em extensão, entre o conto e o romance. Sendo mais reduzida que o romance, tem todos os elementos estruturadores deste, em número menor. Por esse sentido de economia constrói-se um enredo unilinear, faz-se predominar a ação sobre as análises e as descrições e são selecionados os momentos de crise, aqueles que impulsionam rapidamente a diegese para o final. Note-se que clímax e desfecho coincidem na novela autenticamente estruturada. (Soares, 2007, p.56)

A novela é um gênero narrativo maior que um conto, porém menor que um romance, apresenta poucos personagens e foca em específico em uma história de um personagem, como podemos notar na novela *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

Há de ressaltar que, no que se refere à forma, há algumas semelhanças: a presença de um narrador, as escolhas linguísticas, o movimento da narrativa, a mudança de cidade, a presença e ausência em maior ou menor grau do personagem Olímpico de Jesus, as profissões.

Por conseguinte, nota-se que as autoras fazem escolhas lexicais, por exemplo, em *Lispector* a presença de palavras com: *Efeméride*, *pequena explosão*, *explosão*, *i-i-v-r-e!*, essas escolhas não são aleatórias, possuem e determinam uma intenção comunicativa a partir delas.

Desse modo, o uso constante que *Lispector* faz do termo *explosão*, é interpretado como uma ferramenta para dar foco àquele momento que narra uma tensão, revelação, superação, um medo ou uma descoberta da personagem Macabéa como evidencia o excerto: “foi então (explosão) que se desmanchou de repente o namoro entre Olímpico e Macabéa;”, (p.54) “Na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pós-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar.” (p.55) Esses são exemplos claros de escolha lexicais de *Lispector*.

As escolhas linguísticas tanto da novela quanto do conto são distintas e também marcam a distância temporal entre as duas escritas. Na novela, a linguagem utilizada é poética e reflete um constante confronto com o *eu* - a interioridade como compreensão do eu e so mundo (Bosi, 2015). Além de apresentar um caráter irônico e engraçado em determinadas situações ao longo da trama.

Pode-se ler também essa linguagem de *Lispector* como Candido refletiu: nessa linha de inovação da literatura brasileira, *Lispector* apresenta uma inventividade da linguagem que trazia o mundo e o *eu* em seu bojo, na tentativa de compreender ambos por meio dessa inovação que se inicia no verbo.

Já no conto, a linguagem utilizada, além de muito simbólica, é decolonial, marcadamente intertextual, e com a presença de muitas metáforas e, como ponto central, há o resgate da ancestralidade.

Outrossim, há a perspectiva acerca do narrador ou narrador-escritor-personagem, pois em *A Hora da Estrela* a história de Macabéa é apresentada pela perspectiva masculina: ele tanto narra quanto participa da narrativa em um exercício de metalinguagem, ou seja, Rodrigo S.M que, sendo um escritor fictício, faz constantes reflexões do próprio processo da escrita e das escolhas no ato da criação da trama, assim se apresentando:

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser *mordenoso* e *inventar modismos à guisa de*

originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo. (Lispector, 2020, p.11)

Nesse excerto, para além das leituras acerca do Rodrigo S. M., ele evidencia um dos procedimentos mais característicos da escrita de Clarice Lispector: a autorreflexão sobre o próprio ato de narrar. Antes mesmo de apresentar a história de Macabéa, o narrador-escritor-personagem Rodrigo S. M. comenta como pretende escrevê-la, expondo as escolhas estéticas e problematizando o lugar da literatura em seu tempo. Os termos como *modernoso*, *inventar modismo* e *originalidade*, esses sintetizam uma crítica irônica às tendências literárias contemporâneas e revelam a posição ambígua da autora diante da tradição e da inovação.

Ademais, Lispector já era reconhecida como uma das escritoras mais inovadoras da literatura brasileira como Bosi (2015) e Candido (2021) destacam na seção anterior, profundamente associada ao romance moderno e à experimentação da linguagem. No entanto, por meio de Rodrigo S. M., compreende-se que ela ironiza a necessidade, tão valorizada pela crítica e pelo mercado literário, de produzir constantemente novidades formais.

Em um momento mais adiantado da narrativa, esse narrador-escritor-personagem afirma:

(Eu ainda poderia voltar atrás em retorno aos minutos passados e recomeçar com alegria no ponto em que Macabéa estava de pé na calçada — mas não depende de mim dizer que o homem alourado e estrangeiro a olhasse. É que fui longe demais e já não posso mais retroceder. Ainda bem que pelo menos não falei e nem falarei em morte e sim apenas um atropelamento.) (Lispector, 2020, p.72).

Durante a trama, nota-se que a “voz” da personagem aparece raramente e em momentos específicos, por exemplo, quando conhece Olímpico de Jesus e em outras interações com ele:

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca — o quê?
- Bea, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele. (Lispector, 2020, p.39)

Nesse primeiro excerto, nota-se, em uma conversa entre Macabéa e Olímpico no primeiro encontro, que as falas dos personagens são apresentadas com travessões e com algumas interferências do narrador de forma econômica e seca. Logo, mesmo com um silêncio imposto, Macabéa rompia ao trazer reflexões por vezes ingênuas, mas carregadas de sentidos existenciais.

Em outro trecho, Macabéa e Olímpico conversam e o narrador assim apresenta:

Ele: Pois é.
 Ela: Pois é o quê?
 Ele: Eu só disse pois é!
 Ela: Mas “pois é o quê?”
 Ele: Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
 Ela: Entender o quê?
 Ele: Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
 Ela: – Falar então de quê?
 Ele: – Por exemplo, de você.
 Ela: – Eu?!
 Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
 Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente.
 Ele: – Mas todo mundo é gente, meu Deus!
 Ela: – É que não me habituei.
 Ele: – Não se habituou com quê?
 Ela: – Ah, não sei explicar. (Lispector, 2020, p.43)

-Eu vou ter tanta saudade de mim quando morrer.
 -Besteira, morre-se e morre-se de uma vez.
 -Não foi o que minha tia me ensinou.
 -Que tua tia se dane.
 -Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas. Sabe que Marilyn era toda cor-de-rosa?
 - E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema.
 -Você acha mesmo?
 - Tá na cara.
 - Não gosto de ver sangue no cinema. Olhe, sangue eu não posso mesmo ver porque me dá vontade de vomitar.
 - Vomitar ou chorar?

- Até hoje com a graça de Deus nunca vomitei.
- É, dessa vaca não sai leite.(Lispector, 2020, p.48)

Nos três fragmentos, Clarice Lispector constrói as falas de Macabéa por meio de um diálogo marcado pela aquiescência que denominamos de economia verbal, com pausas e uma aparente simplicidade da linguagem.

-Isso é lá coisa para moça virgem falar? E para que ser ve saber demais? O Mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais.

-Mangue é um bairro?

-É lugar ruim, só pra homem ir. Você não vai entender mas eu vou lhe dizer uma coisa: ainda se encontra mulher barata. Você me custou pouco, um cafezinho. Não vou gastar mais nada com você, está bem?

Ela pensou: eu não mereço que ele me pague nada porque me mijei.

Depois da chuva do Jardim Zoológico, Olímpico não foi mais o mesmo: desembestara. E sem notar que ele próprio era de poucas palavras como convém a um homem sério, disse-lhe:

-Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto!

Então aflita ela lhe disse:

-Olhe, o Imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus! E você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ela ia passar pelo mundo todo em 28 dias?

- Isso é mentira!

- Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi isso na Rádio Relógio!

-Pois não acredito.

-Quero cair morta neste instante se estou mentindo. Quero que meu pai e minha mãe fiquem no inferno, se es-tou enganando você.

-Vai ver que cai mesmo morta. Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?

-Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê?... Quer dizer não sei bem quem eu sou.

-Isso? Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos

-É verdade Mas não sei o que está dentro do meu nome.

-Só sei que eu nunca fui importante...!(Lispector, 2020, p.50-

51)

As respostas curtas da personagem revelam muito mais do que uma dificuldade de comunicação: evidenciam uma subjetividade profundamente fragilizada, incapaz de reconhecer a si mesma como sujeito pleno.

A oralidade fragmentada transforma o silêncio, a hesitação e a incompletude em elementos constitutivos da personagem, fazendo com que sua identidade se manifeste justamente pela dificuldade de formular um discurso sobre si.

Já em *Béa*, Conceição não faz uso de economias verbais e tampouco de linguagem simples, pelo contrário, ela faz constantes uso do fluxo de consciência e deixa em aberto para que o leitor possa acessar a história e, sobretudo, como Béa pensa e sente, transformando a narração da história em uma voz interna e externa.

3.3. Béa e a simbologia da flor

A flor de mulungu no que se refere a sua simbologia é um dos elementos centrais desta pesquisa, tem como nome científico *Erythrina verna* da Família: Fabaceae-Faboideae, é uma árvore que tem a sua floração entre julho e setembro e nos outros meses do ano ela fica totalmente desprovida de folhas, flor, ou seja ela fica no seu momento de não floração.

Segundo o dicionário de símbolos de Jean Chevalier (1988, p. 437), “Embora cada flor possua, pelo menos secundariamente, um símbolo próprio, nem por isso a flor deixa de ser, de maneira geral, símbolo do princípio passivo.”, ou seja, considerando o contexto cultural, cada espécie de flor possui um significado, mas todas transmitem e representam a passividade, ao decorrer do texto o autor cita que o significado de cada flor vai depender de sua cor, por exemplo:

Com efeito, muitas vezes a flor apresenta-se como figura-arquétipo da alma, como centro espiritual. Quando isso ocorre, seu significado se explica conforme suas cores, que revelam a orientação das tendências psíquicas: o amarelo* revela um simbolismo solar, o vermelho*, um simbolismo sanguíneo, o azul, um simbolismo de sonhadora irrealidade. Entretanto, os matizes do psiquismo diversificam-se até ao infinito. (Chevalier, 1988, p.439)

De acordo com o fragmento, a cor vermelha da flor de mulungu está relacionada à sangue, isto é, à vida. Logo, levando em conta o contexto da escrita de Conceição Evaristo, podemos interpretar que a cor vermelha do Mulungu não é um vermelho que significa “perigo”, mas sim um vermelho que representa vitalidade, força motriz. Ademais, ela é uma planta que é utilizada na medicina popular como um sedativo e calmante natural. De acordo com pesquisa feita no site chamado *Picture This a flor de mulungu* significa

Em várias culturas, especialmente nas comunidades indígenas sul-americanas, o Mulungu-do-litoral é visto como um símbolo de resiliência e resistência. Suas flores de um vermelho vibrante personificam a paixão e a bravura, tornando-a uma escolha ideal para aqueles que desejam transmitir uma mensagem de força e determinação. (Picturethis, 2024)

Levando em conta esse significado posto no excerto, pode-se afirmar que é bastante próximo com a trama que a autora Evaristo constrói no conto *Macabéa, Flor de mulungu*, pois na concepção e significado posto por Conceição Evaristo em suas

escritas, a flor do mulungu simboliza uma força motriz de um povo, proteção, resistência, resiliência, o renascimento da mulher negra ao conquistar um espaço de enunciação, e todos esses adjetivos que são ditos sobre a flor de mulungu, reflete na personagem Béa que foi recuperada por Conceição Evaristo e reescrita por meio da escrevivência e da simbologia da flor de mulungu.

Sendo assim, a flor de mulungu representa um símbolo de resistência, ancestralidade e (re)significação da *identidade feminina*, materializada em Macabéa, por meio da simbologia dessa flor, Conceição Evaristo deu vida a Béa outra, (re)significando sua história, dando um novo sentido para ela, pois, agora, Macabéa era a “flor de Mulungu: “Desde quando vi e não só olhei de relance a moça Béa, caída e semi morta no chão, imaginei que a flor de mulungu seria para ela, ou melhor, seria ela. ” (Evaristo, 2023, p.7) . Com isso, evidencia-se a importância e a representação deste elemento na vida da própria autora, que é uma mulher negra e de força motriz.

Evaristo (p.16) faz uma indagação a respeito das sabedorias de Béa, mas que ao longo do mesmo é respondida com êxito.

De onde Macabéa, Flor de Mulungu, tirava suas sabedorias? De seus bons antecedentes. Sapiência ancestral. Aliás, era muito difícil, impossível quase, traçar com exatidão a árvore genealógica de Macabéa. As ramagens se embaralhavam. Procelas, invasões, travessias, exílios, batismos forçados, aldeias queimadas, tutela da igreja, muita água, quase mar, canoas sobre o Xingu. (Evaristo, 2023, p. 16).

Evaristo, por meio de sua escrita, questiona de onde Macabéa tirava suas sabedorias? Algo que, no decorrer da leitura do conto, é revelado por meio da força de seus ancestrais. Logo, ela é uma moça cheia de vitalidade e sapiência, adjetivos esses que refletem diretamente no significado que o mulungu possui no conto: resistência, ancestralidade e (re)significação da identidade feminina.

Das competências não anunciadas de Macabéa, Flor de Mulungu, além de ótima cerzideira, a moça tinha o ofício de parteira. Quem via os seus morosos dedos tropeçando nas teclas da máquina de datilografia não concebia, para suas mãos, o dom de amparar a vida em sua chegada ao mundo. E de outra arte, ainda Macabéa, sem nenhum alarde, possuía autoria. Ela sabia da serventia de várias plantas. O chá das folhas maceradas de mulungu tinha efeitos sedativos. Servia para abaixar pressão, acalmar e adormecer as pessoas. (Evaristo, 2023, p.19-20)

Outrossim, no trecho é mencionado as competências de Béa: cerzideira, parteira e apesar de todos esses “dons” que lhes foram aprendidos ela ainda possuía conhecimentos a cerca da serventia de plantas medicinais, isso só mostra o quanto a ancestralidade era presente na vida da personagem. Com isso ela deixa de ser um sujeito “sem conhecimentos “ e passa a ser reconhecida como um corpo ativo, que gera, da vida e cura.

De Macabéia, era o refinamento no preparo de garrafadas para uma infinidade de males. Remédios feitos nas urgências da vida. E, em cada mezinha preparada, tanto era o desejo, tanta era a intenção de cura, dispensadas na feitura dos remédios, que muitos doentes acreditavam que até o aroma dos aliviantes líquidos curtidos pela Flor de Mulungu, como bálsamo, curava feridas do corpo e fendas da alma. (Evaristo, 2023, p.20-23)

Às garrafadas preparadas por Béa eram capazes de curar não só exteriormente – as doenças físicas, mas, também, interiormente - a alma; a *Flor de Mulungu* tinha essa missão: curar, uma vez que os remédios feitos por ela na *urgência da vida*, refletem que os conhecimentos de Béa nascem da urgência e da necessidade da vida. Nesse trecho, nota-se, também

Macabéia não pode morrer. Já morremos muito. Mas vivemos, apesar de junto à Macabéia ouço e recupero peças de nossas histórias. Eu sei bem quem é a Flor de Mulungu. A moça é capaz de fingir de morta para enganar coveiro. É ainda bastante hábil para lidar com um pré-anunciado fim. A criatura se dá à morte, para que a infeliz não se lembre dela. Macabéia dizia, quem quer falar que fale, eu aguardo pacientemente a minha hora.(Evaristo, 2023,p.31)

A citação de Conceição Evaristo estabelece um diálogo crítico com *A hora da estrela*, deslocando o destino de Macabéia para uma perspectiva marcada pela memória coletiva, pela ancestralidade e pela resistência das mulheres negras. Ao afirmar que “Macabéia não pode morrer. Já morremos muito”, Evaristo recusa a morte da personagem apenas como um acontecimento narrativo e a transforma em símbolo de uma história de sucessivos apagamentos sociais, raciais e de gênero.

O pronome “nós” implícito na afirmação amplia Macabéia para além de sua individualidade, fazendo dela uma representação das inúmeras vidas historicamente silenciadas pela pobreza, pelo racismo, pelo patriarcado e pelas desigualdades estruturais.

Pode-se afirmar que essa leitura constitui um gesto de reescrita da tradição literária. Enquanto, no romance de Clarice, a morte de Macabéa representa o ápice de uma existência marcada pela invisibilidade, Evaristo propõe outra possibilidade interpretativa: a personagem não pode permanecer morta porque sua história continua reverberando na experiência de tantas outras mulheres.

As linhas “revela que a personagem deixa de ser apenas um indivíduo ficcional para tornar-se um lugar de memória, na qual diferentes trajetórias femininas marginalizadas se encontram, costuram-se, emanando-se. A memória, nesse caso, não é apenas recordação do passado, mas um instrumento de reconstrução identitária e de resistência contra o esquecimento.

Desse modo, a narrativa se encaminha para seu final, dando mais concretude ao florescimento de Béa, assim anunciado:

A cartomante se enganou. Enganou a si própria, não a mim. Eu dei a palavra a ela, como dei a Olímpico. Quem quiser falar que fale, eu aguardo pacientemente a minha hora. A cartomante não adivinhou que quando entrei ali, já tinha feito a minha escolha. Rearranjar minha vida, retomar os meus antigos ofícios. (Evaristo, 2023, p.31)

A intextetualidade explicita se concretiza também no finalizar da trama, o excerto evidencia, desse modo, o protagonismo de Béa ao passo que também concretiza seu florescimento.

Isso pode ser percebido no momento em que a personagem afirma à cartomante que, possivelmente previu seu futuro como em *A hora da estrela*, no qual ela previu o futuro luminoso de Macabéa outra, dessa vez estava enganada, pois agora quem decidia seu destino era ela mesma: a Béa, Flor de Mulungu. Isto é, ela rompe com o final trágico de Macabéa ao rearranjar sua vida, retornando para seus antigos ofícios, os quais Béa exercia com paixão.

O trecho de Conceição Evaristo aprofunda o movimento de reescrita de Macabéa, deslocando a personagem da condição de sujeito narrado para a de sujeito de sua própria história. Se, em *A hora da estrela*, a cartomante representa a ilusão de um futuro melhor e funciona como um dos últimos mecanismos de esperança oferecidos a Macabéa, em Evaristo ocorre uma inversão decisiva: a cartomante não é mais aquela que determina o destino da personagem; é a própria Béa quem afirma ter feito sua escolha antes mesmo de entrar ali.

A frase “A cartomante se enganou. Enganou a si própria, não a mim” rompe com a imagem da Macabéa ingênua e passiva construída no romance clariceano. Aqui, a personagem demonstra consciência crítica diante dos discursos que pretendem definir sua vida, ela quem determina o seu futuro e não uma cartomante como determinou o fim trágico de Macabéa.

O erro da cartomante não é apenas uma falha de previsão; é a incapacidade de reconhecer a autonomia de quem, historicamente, foi visto como incapaz de decidir por si mesmo. A personagem deixa de ser conduzida pelos outros, pela cartomante, por Olímpico, pelo narradora, para assumir a posição de quem escolhe, avalia e redefine o próprio caminho.

Assim, a sequência iniciada com “Macabéa não pode morrer” encontra aqui um desdobramento coerente: se a personagem sobrevive, é porque assume a palavra e o direito de conduzir a própria vida. A cartomante falha porque acredita poder prever um destino já decidido por quem, finalmente, deixou de ser objeto da narrativa para tornar-se autora de si mesma.

A Flor de Mulungu não ia fenecer. Não. A posição fetal em que ela se encontrava era um indício de que uma nova vida se abria. Ela ia nascer por ela e com ela. Macabéa ia se parir. Flor de Mulungu tinha a potência da vida. Força motriz de um povo que resilientemente vai emoldurando o seu grito. Mulheres como Macabéa não morrem. Costumam ser porta-vozes de outras mulheres, iguais a elas, mesmo travestidas em Glórias, e também costumam ser intérpretes das dores de homens, cabras-machos, vítimas-algozes, como Olímpico de Jesus. Macabéa não ia morrer. Uma trindade feminina potencializa a existência dela. Macabéa, mulher das mezinhas, dos cerzimentos, das mãos aparadoras e anunciantes da boa-nova do nascimento da vida, não morreria jamais. (Evaristo, 2023, p.32)

E dessa ideia nasce Macabéa, a “Flor de Mulungu”, de Conceição, uma moça negra cheia de força e ancestralidade, em comparação com o mulungu que é uma árvore leve de cor vermelha e de raízes e cascas medicinais e resistentes, assim como a personagem, esse aspecto mencionado acima dialoga com a figura da mulher negra na literatura de Evaristo, que possui uma aparência que pode ser julgada pela sociedade como “casca grossa”, mas que na verdade carrega uma força única, e é frágil como uma flor.

Em análise a essa visão estereotipada que a sociedade possui acerca da mulher negra, de que todas são fortes e que não sentem dor, desejo, amor e que por isso devem ser tratadas de “qualquer forma”.

Não, a morte que se tratasse de retardar. Macabéa, Flor de Mulungu, tinha mil paninhos, retalhos de vida, dela e das outras pessoas para recompor. O jarro da jovem mulher indígena estava repleto de redes esburacadas, cujos frios finos fios estavam tão esgarçados, que só Macabéa seria capaz de recuperá-los no tempo. A mulher portuguesa não conseguia cerzir seus lenços, nem do marido, nem dos filhos. A mulher negra diante do mar, com seu cesto em descanso, estava quase que se jogando seus esfiapados panos na marítima correnteza. Todas, elas e eu, nós precisamos de Macabéa, Flor de Mulungu. E mais do que isso. A árvore da vida de Macabéa, o mulungu, ereta esperava por ela. Estávamos em agosto, mês de sua única floração.(Evaristo,2023, p.35)

O trecho demarca a força que a *flor de mulungu* representa, capaz de restaurar a vida de Macabéa, a posição fetal dessa vez não significava o fim e sim o começo de uma nova vida, ela ia se parir *flor de mulungu* era vida, força, luta, resiliência e resistência, adjetivos que passam a definir e ser vistos em Béa.

Além disso Conceição Evaristo amplia o significado de Béa, nomeando-lhe a função de recompor, cerzir os retalhos não só de sua vida, e sim da vida de outras mulheres, *Indígena, Portuguesa e negra*. Logo, a personagem deixa de ser uma e se torna múltipla, um símbolo de resignificação, beleza e renascimento, assim como a *Flor de Mulungu* no mês de agosto.

Escolho o pé de mulungu de rubras flores. Macabéa também. Ao redor do mulungu, todas as outras árvores, em tempos antes da primavera, estão ainda sem os seus adornos. Só a árvore mulungu, nessa precária ocasião, oferece o mel de suas flores às famintas aves, que pousam sobre ela. (Evaristo, 2023, p.35-36)

A flor de mulungu floresce justamente no período em que a paisagem parece árida e sem vida, tornando-se símbolo de renovação e esperança. De modo semelhante, Macabéa, que, na reescrita de Conceição Evaristo, resignifica-se como Béa, renasce quando sua trajetória parecia definitivamente interrompida. Assim como a árvore do mulungu, que não beneficia apenas a si mesma, mas oferece abrigo, alimento e vida aos seres que dela dependem, a escolha dessa flor como elemento simbólico representa a afirmação da vida, da memória e da continuidade da existência. Com isso, evidencia-se a potência da simbologia da flor de mulungu como instrumento de reescrita de destinos e de restituição da voz àqueles que, historicamente, foram

silenciados. Nesse sentido, Conceição Evaristo, por meio da escrevivência e da simbologia do mulungu, retira a personagem de seu destino trágico e lhe oferece uma nova possibilidade de existência, marcada pelo florescimento, pela reconstrução identitária e pela reafirmação da memória e da ancestralidade.

4. Considerações Finais

Diante das análises comparativa e interpretativa realizadas, verificou-se que a hipótese desta monografia foi confirmada. Constatou-se que Conceição Evaristo, por meio de sua escrita de escrevivência e da incorporação da simbologia da flor de mulungu, ressignifica a trajetória da personagem Macabéa, agora denominada Béa. Um dos exemplos mais expressivos dessa ressignificação encontra-se no desfecho das narrativas: em *A hora da estrela*, a protagonista encontra um fim trágico, que simboliza seu apagamento definitivo; já em *Macabéa, flor de mulungu*, a personagem não morre, mas renasce e floresce, representando uma reinscrição simbólica na vida, na memória e na identidade.

Com isso, verifica-se que o objetivo geral desta pesquisa foi plenamente alcançado. As análises realizadas demonstraram que Conceição Evaristo recupera a personagem Macabéa por meio da escrevivência, incorporando a simbologia da flor de mulungu como elemento de reconstrução identitária nos planos cultural, simbólico e estético. Dessa forma, a autora rompe com a lógica do apagamento presente na narrativa clariceana e inaugura uma nova possibilidade de existência para a personagem.

Nesse sentido, a escolha da flor de mulungu como símbolo central da reescrita revela-se especialmente significativa, uma vez que, conforme discutido ao longo desta pesquisa, essa flor está associada à força vital, à resistência, à resiliência e à ancestralidade feminina e negra. Assim, a escrita de Conceição Evaristo assume uma função análoga à do chá de mulungu: acolhe, fortalece, preserva a memória e promove processos de cura simbólica.

Por sua vez, Clarice Lispector, ao criar a personagem Macabéa marcada por profundas vulnerabilidades sociais, pessoais e políticas, constrói uma crítica às formas de invisibilização e silenciamento das mulheres na sociedade brasileira. A opção por um narrador masculino para contar a história da protagonista reforça essa crítica,

evidenciando as relações de poder que atravessam sua existência e sua representação.

Nesse contexto, esta pesquisa permitiu compreender que, embora as duas obras tenham sido escritas em épocas e contextos distintos, elas estabelecem um intenso diálogo intertextual. *Macabéa, flor de mulungu* não apenas retoma a personagem criada por Clarice Lispector, mas amplia sua trajetória, recusando o destino de abandono e morte que lhe havia sido reservado. Em lugar da personagem caída e agonizante, Conceição Evaristo faz nascer Béa, símbolo de continuidade, resistência e reconstrução.

Em última análise, evidencia-se que a literatura constitui um espaço privilegiado de resistência, memória e transformação social. Nesse horizonte, a reescrita realizada por Conceição Evaristo representa um gesto estético, político e ético de grande relevância, ao recuperar uma personagem historicamente marginalizada e lhe conferir voz, identidade e pertencimento. É justamente nesse movimento que reside a potência da literatura: revisitar histórias, reescrevê-las, ressignificá-las e, conseqüentemente, transformar vidas.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para ampliar os estudos comparativos entre *A hora da estrela* (2020) e *Macabéa, flor de mulungu* (2023), especialmente no que se refere às relações entre escrevivência, intertextualidade e à simbologia da flor de mulungu como elemento de reconstrução identitária, memória e resistência na literatura afro-brasileira contemporânea.

5. Referências

BOSI, Alfredo, **História concisa da literatura brasileira** Alfredo Bosi. – 50. ed. – São Paulo : Cultrix, 2015.

BRAIT, Beth. **A personagem** . São Paulo Ática, 1985.

BRASIL, **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm.

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de ficção**. [et al.]. – São Paulo: Perspectiva, 2007. –(Coleção debates; 1/ dirigida por J. Guinsburg) **Outros autores**: Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes 1ª reimpr. Da 11. Ed. De 2005.

CANDIDO, Antonio, 1918- **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo 6.ed. Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000. Ilust. (Coleção reconquista do Brasil. 2ª série; vol. 177-178).

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. Vários Escritos. [s.l.]: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, [s. d.]. p. 169-191.

CATANI, afrânio, NOGUEIRA, maria alice. Escritos de educação /(organizadores). - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. (Ciências sociais da educação).

CHEVALIER, Jean. 1906- **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)** / Jean Chevalier. Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.].-16. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CUTI, Luiz silva, **literatura negro-brasileira**- são Paulo: selo negro,2010. (Coleção consciência em debate/ coordenadora por Vera Lúcia Benedito

DUARTE, Lima; NUNES, Isabella Rosado; LOPES, Goya. **Escrevivência a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / organização Constância. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis – **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. D.E.L.T.A., v. 31, n. especial, p. 377–390, 2015.

EVARISTO, Conceição, 1946-**Macabéa: flor de mulungu** / Conceição Evaristo;ilustrações Luciana Nabuco. - Rio de Janeiro:Oficina Raquel, 2023.

EVARISTO, Stephanie Patricia da Costa da Costa. **ESCREVIVÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: A MULHER NEGRA COMO PROTAGONISTA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 11, n. 8, p. 937–953, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i8.20624. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20624> Acesso em: 6

jan. 2026.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**/organização Flávia Rios, Márcia Lima –1ª ed, -Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

KIRCH, Lêssa Cristina Viana; DE CARVALHO, Fábio Almeida. **Ancestralidade: um conceito importante para a cultura contemporânea**. Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé, v. 17, n, 2, p. 129-146, 2024.

LISPECTOR, Clarice, 1920-1977-**A hora da estrela** / Clarice Lispector.- 1ª ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

NITRINI, Sandra. Literatura Comparada: teoria e crítica- Sandra Nitrini. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. P. 125-182.

PICTURETHIS. **Significado da Flor Mulungu-do-litoral: Força, Determinação**
Disponível em: https://www.picturethisai.com/pt/language-flower/Erythrina_speciosa.html. Acesso em: 3 jan. 2026.

SOARES, Angélica; **Gêneros literários** / Angélica Soares. 7.ed. São Paulo 85p. – (Princípios; 166).

SOARES, Angélica; **Gêneros literários** / Angélica Soares. 7.ed. São Paulo 85p. - (Princípios ; 166).

<https://aterraeredonda.com.br/clarice-lispector-no-comeco-era-de-fato-o-verbo/>